

**A LESEX E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CAMPO DA SEXUALIDADE:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL  
INTERSETORIAL**

*Eixo Temático 12 - Educação em Sexualidade e Desenvolvimento*

*Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas*

Beatriz dos Santos Melo <sup>1</sup>  
Raquel da Silva Nascimento <sup>2</sup>  
Débora de Aguiar Lage <sup>3</sup>

## **RESUMO**

As Ligas Acadêmicas atuam dentro de uma determinada área e desempenham um papel de multiplicadores do conhecimento através da dialogicidade com os demais setores da população, destacando-se entre as atividades extensionistas. Nesse contexto a LESEX – Liga Acadêmica de Educação Sexual participou de um ciclo de palestras com estudantes do curso de psicologia abordando questões relacionadas a atuação no campo da educação em sexualidade e sobre o papel sociopolítico do profissional de psicologia dentro do campo da Educação Sexual diante do contexto atual brasileiro. Sendo a sexualidade um aspecto constitutivo indissociável da vida humana, torna-se imprescindível a capacitação dos psicólogos no campo da Educação integral em sexualidade.

**Palavras-chave:** Liga Acadêmica; Educação em Sexualidade, Psicologia, Saúde Mental, Extensão Universitária.

## **INTRODUÇÃO**

A Extensão universitária ou acadêmica caracteriza-se como o conjunto de atividades promovidas pelas instituições de ensino superior destinadas à sociedade, visando a troca de saberes e a democratização do conhecimento (GADOTTI, 2017).

---

<sup>1</sup> Pós-Graduanda do Curso de Direitos Humanos, gênero e sexualidade da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ- RJ, biamelouerj@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de ciências biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – CEDERJ, RJ, raquel.silva.nascimento2014@gmail.com;

<sup>3</sup> Professor orientador: Professor Associado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, deboralage.uerj@gmail.com.

Dentre as atividades extensionistas destacam-se as Ligas acadêmicas, coletivos formados por estudantes de graduação, sob a supervisão de um ou mais docentes, que buscam estudar e/ou se aprofundar em uma determinada área, além de atuarem como multiplicadores do conhecimento à população em geral (CAVALCANTI et al., 2021). Nessa perspectiva, em 2015, os estudantes do curso de Ciências Biológicas do campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) idealizaram a LESEX - Liga Acadêmica de Educação Sexual, com o objetivo de ampliar o debate sobre Educação sexual de forma responsável e com embasamento científico. Dessa forma, ao longo de 6 anos, a LESEX tem desenvolvido diversos tipos de atividades externas, tanto para o ensino superior como para estudantes da educação básica.

Nesse contexto, o presente trabalho relata a atuação da LESEX em uma roda de conversa com estudantes de graduação do curso de Psicologia da UERJ no ano de 2022.

### **Por que falar sobre Educação Sexual?**

A sexualidade constitui parte integral do desenvolvimento humano, está além das relações sexuais e se relaciona diretamente com a saúde física e mental, pois abrange aspectos biológicos, sociais, emocionais, culturais, religiosos, políticos e econômicos constituintes de cada indivíduo (OMS, 2006). Logo, a sexualidade precisa ser vivida em sua totalidade, respeitando todas as dimensões que por ela perpassam, sendo fundamental o seu entendimento, suas implicações e a superação de expectativas nela criadas.

Entretanto, a Educação Sexual é um assunto complexo, rodeado de tabus, intimamente ligado à cultura, a crenças religiosas, ao medo e à muita desinformação, evidenciando que, apesar de essa coexistir há mais de 20 anos nos documentos oficiais de educação, ainda há muita resistência para se dialogar sobre o tema (GARBARINO, 2021). Dessa forma, o acesso facilitado a espaços com informações confiáveis possibilita a abordagem sobre sexualidade de modo mais espontâneo e confortável, combate os preconceitos ligados a diversidade sexual e de gênero, problematiza e conscientiza sobre a cultura de violência sexual no país (AZADINHO; OLIVEIRA; MILANI, 2020), além de promover o diálogo e o respeito sobre nossos próprios corpos e os de terceiros.

### **Roda de conversa - o papel do psicólogo no campo da educação sexual**

A Educação Sexual, assim como a sexualidade, são temas que devem ser tratados de modo transversal tanto dentro do espaço escolar como em outros espaços sociais.

Nesse caso, torna-se fundamental a inclusão da Educação Sexual nos diferentes cursos de graduação, indo de acordo com seu caráter transdisciplinar (RUFINO et al., 2013). Pensando especificamente no papel do psicólogo e sua aproximação com o campo da sexualidade, não é prática incomum sua convocação para falar sobre sexualidade (CASSAL; GONZALEZ; BICALHO, 2011). Nessa análise, ressalta-se também as potencialidades que esse encontro (psicologia e ensino em sexualidade) pode possibilitar tanto ao paciente, quanto ao profissional (FIGUEIRÓ, 2020).

Sendo assim, acreditamos ser importante retomar o questionamento: *O que é Sexualidade?* Para Heilborn (2006), a sexualidade é um tipo de aprendizado, onde cada indivíduo absorve e produz diferentes formas de viver os prazeres e tornar inteligível seus desejos. Esse processo ocorre ao longo de toda vida e é construído levando em conta os valores, normas sociais, tabus e mitos relacionados à vida sexual (MAIA et al., 2012). Dessa forma, esse fenômeno de modulação e normatização da vida sexual pode agir como um dispositivo gerador de sofrimentos e angústias, afetando a saúde mental dos indivíduos (ZILIOTTO; MARCOLAN, 2020).

Tendo a psicologia um papel central no cuidado com a saúde mental da população, torna-se evidente a importância de trazer na formação inicial de psicologia espaços para o debate sobre gênero e sexualidade (ANJOS; LIMA, 2016). Sendo assim, a LESEX foi convidada para o Ciclo de Palestras de um curso de Psicologia, com o objetivo de criar um espaço de debate sobre as possibilidades de atuação do psicólogo no campo da Educação Sexual.

Para iniciar o diálogo, foi perguntado aos estudantes sobre o que eles entendiam como Educação Sexual e como ela tinha ocorrido em suas vidas. Todos que se sentiram a vontade de interagir mencionaram terem tido uma Educação Sexual repressiva ou acreditam não ter tido nenhuma experiência relacionada ao tema durante suas vidas. Entretanto, essa ideia de ausência de Educação Sexual durante a vida foi problematizada pelos mediadores, trazendo a perspectiva que mesmo ao não falar diretamente sobre sexualidade, o ato de censurar verbalmente o tema já caracteriza um tipo de Educação Sexual (CHAUÍ et al., 1981). Logo, mesmo que nunca tenhamos tido uma Educação Sexual intencional, tivemos experiências informais que também nos educam sexualmente (WEREBE, 1998).

Após essa breve discussão, a segunda pergunta norteadora do debate foi: “Como normalmente ocorre a Educação Sexual no espaço escolar?” Muitos estudantes presentes

citaram diversas situações em que a perspectiva biológico-higienista predomina no ensino de sexualidade formal. As falas giraram em torno de dois eixos estruturantes: as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a gravidez na adolescência. Alguns dos alunos relataram o uso de uma pedagogia do terror na abordagem das IST (SIQUEIRA; MENDES, 2020), em que a sexualidade acaba sendo reduzida a um caráter infectante, criando barreiras que impedem uma vivência prazerosa da mesma. Outro aspecto apontado foi o caráter cisheteronormativo com que as informações de prevenção e promoção da saúde sexual chegam ao público geral, tanto nas escolas como em outros espaços de Educação em Saúde como postos de saúde, hospitais e clínicas (PRADO; ALVES; MOREIRA, 2020).

Em seguida, foi enfatizada a importância de se dialogar sobre os aspectos relativos à vida sexual na terapia e como o psicólogo pode iniciar esse diálogo com seus pacientes. Poucos estudantes ousaram esboçar uma sugestão sobre a melhor forma de se iniciar este tipo de conversa com o paciente, já que muitos não se sentiam preparados para lidar com questões sexuais que poderiam surgir na sua futura profissão. Entretanto, cabe ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Psicologia determinam a oferta de uma formação pluralista e generalista, que proporcione conceitos básicos para que o profissional domine os conhecimentos psicológicos e possa exercer sua profissão (BRASIL, 2011).

Foi ressaltado como a capacitação em Educação Sexual pode oferecer ferramentas úteis ao trabalho profissional do psicólogo, seja na escola, clínica ou em outros espaços de atuação (FIGUEIRÓ, 2020). Os mediadores destacaram que considerar os aspectos sexuais da vida do paciente é ter um olhar para o indivíduo na sua totalidade, possibilitando ao profissional de psicologia promover os direitos sexuais e reprodutivos do paciente (GESSER; NUERNBERG, 2014). Também foi apontado que, por mais que a sociedade utilize a sexualidade como recurso apelativo (RODRIGUES, 2018), ainda há uma carência de espaços em que seja estimulada um pensamento crítico sobre a sexualidade. Nesse contexto de um reforço negativo das nuances da sexualidade, foi debatido sobre quais seriam as consequências psicoemocionais que as angústias sexuais poderiam trazer aos indivíduos. Entre as respostas surgiram a citação de sofrimentos

psíquicos como depressão, ansiedade, além dos casos de suicídio e dificuldades de se relacionar.

Todos esses pontos vão ao encontro da literatura que aponta como os preconceitos, principalmente ligados as minorias sexuais, estão correlacionados a altos índices de depressão, ansiedade e suicídio entre pessoas LGBTQIA+ (FERREIRA; ANASTÁCIO; 2022). O suicídio é uma pauta urgente dentro do campo da saúde pública (TEIXEIRA; SOUZA; VIANA, 2018), e um dos temas mais complexos do campo da saúde mental (FREITAS; MARTINS-BORGES, 2022). Logo, uma formação que seja capaz de preparar os estudantes de psicologia e outros profissionais da área da saúde para lidarem com populações vulnerabilizadas, se torna um compromisso do Estado e das Universidades (SOUSA; NOGUEIRA, 2022).

Ao final do debate, foram apresentadas quatro áreas de atuação do psicólogo em Educação Sexual: a área clínica, o campo educacional, o campo das políticas públicas e o campo acadêmico. Os estudantes de psicologia demonstraram bastante curiosidade e interesse em conhecer novas possibilidades de atuação, que fogem a lógica hegemônica de que o trabalho em Educação Sexual com psicólogos deve ocorrer somente no campo da psicologia escolar (FURLANETTO et al., 2018). Também foram elencadas conquistas pessoais que profissionais que se capacitam na área da Educação Sexual podem vir a adquirir como: diminuir a vergonha, o medo e a preocupação de falar sobre sexo, obter crescimento em sua visão pessoal acerca da sexualidade, devido à superação de tabus e preconceitos, além de conquistar maior proximidade com o seu público-alvo (FIGUEIRÓ, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Educar sexualmente o indivíduo significa se preocupar com a formação de um sujeito ativo frente às informações e desejos do seu corpo. Nessa perspectiva, a capacitação em Educação Sexual vai muito além de transmitir informações. É desenvolver competências de criar espaços seguros de diálogo onde os indivíduos possam problematizar e refletir sobre seus sentimentos, valores éticos e morais, atitudes e comportamentos sexuais, rever crenças, tabus, compreender o que é consentimento, ressignificar as afetividades, aprender a lidar com os sentimentos negativos ligados à sexualidade. É, principalmente, ampliar a autonomia das pessoas para que vivam sua

sexualidade da melhor forma possível e que as mesmas possam respeitar a existência da diversidade de práticas sexuais e da multiplicidade de pessoas.

Dessa forma, considerando o interesse e a participação dos estudantes de psicologia nesse espaço de troca com a LESex, acreditamos que a atividade foi bastante proveitosa, já que o seu principal objetivo foi cumprido, o despertar dos discentes de psicologia para o campo da Educação Sexual.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, K. P. L.; LIMA, M. L. C. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 49-56, 2016.

AZADINHO, M. P. M.; OLIVEIRA, A. L.; MILANI, D. R. C. A Educação Sexual e a promoção da equidade de gênero no enfrentamento da violência doméstica contra mulheres. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 1727-1742, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior **Resolução Nº 5, de 15 DE março de 2011**. Brasília, DF: MEC, 2011.

CASSAL, L. C. B.; GARCIA GONZÁLEZ, A. M.; BICALHO, P. P. G. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: Biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, v. 42, n. 4, p. 465-473, 2011.

CAVALCANTE, A. S. P. et al. Em busca da definição contemporânea de “ligas acadêmicas” baseada na experiência das ciências da saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e190857, 2021.

CHAUÍ, M.; KEHL, M. R.; WEREBE, M. J. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa São Paulo**, n. 36, p. 99-110, 1981.

FERREIRA, A. F.; ANASTÁCIO, Z. C. Percepção da discriminação e saúde mental de jovens e adultos LGBTQI+ E não LGBTQI+. **Revista Internacional de Psicologia do Desenvolvimento e da Educação**, v. 1, n. 1, p. 435-442, 2022.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Conquistas e desafios das educadoras e educadores atuantes em educação sexual: subsídios para a formação docente. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 30, n. 1, 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O psicólogo e a Educação Sexual. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 21, n. 40, p. 131-140, 2020.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

FREITAS, A. P. A.; MARTINS-BORGES, L. Comportamento Suicida e Políticas Públicas: Estudo Comparativo entre as Atitudes dos Profissionais da Atenção Básica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 624-644, 2022

FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C. B. D.; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Autêntica, 2017.

GADOTTI, M. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, 2017.

GARBARINO, M. I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. Psicologia, sexualidade e deficiência: Novas perspectivas em direitos humanos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, p. 850-863, 2014.

HEILBORN, M. L. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Sexual and Reproductive Health.** WHO, 2006. Disponível em: <[https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab\\_2](https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2)>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

PRADO, M. A. M.; ALVES, I. G.; MOREIRA, L. E. Saúde de mulheres lésbicas e bissexuais: política, movimento e heteronormatividade. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 3, p. 145-161, 2020.

RIBEIRO, P. R. C. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 25, n. 2, 2014.

RODRIGUES, G. **Rastrear e Atrair:** armadilhagem, geolocalização e vulnerabilidades no aplicativo Grindr. **Revista Indisciplinar**, v. 6, n. 1, p. 180-206, 2018.

RUFINO, C. B.; PIRES, L. M., OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, M. M. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.

SIQUEIRA, D.; MENDES, A. Redução de danos e o trabalho de campo: o encontro necessário. **Boletim do Instituto de Saúde**, v. 21, n. 2, p. 104-109, 2020.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

SOUSA, A. J. M.; NOGUEIRA, F. J. S. Narrativas de Pessoas LGBTQIA+ Universitárias acerca do Suicídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 32-49, 2022.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; VIANA, L. M. M. O suicídio como questão de saúde pública. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 3, 2018.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

ZILIOOTTO, G. C.; MARCOLAN, J. F. Compreendendo os preconceitos de indivíduos em sofrimento psíquico a respeito da sexualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020.